

DINÂMICAS ECONÔMICAS E NOVAS TERRITORIALIDADES: UMA LEITURA DAS CIDADES MÉDIAS PELA ATIVIDADE INDUSTRIAL¹

5-Dinâmica urbana

BOMTEMPO, Denise Cristina^{1(*)}

1 - UNESP/Presidente Prudente | (*) Brazil

INTRODUÇÃO

Até meados do século XX, a atividade industrial desenvolvida no território brasileiro esteve concentrada e centralizada nas grandes cidades, principalmente nas metrópoles de São Paulo e do Rio de Janeiro, porém, ao final da década de 1970 os padrões de localização industrial se alteraram. Inúmeras unidades produtivas passaram a se fragmentar, tanto para cidades do interior paulista como também para outras regiões do território brasileiro.

Nossa pesquisa está inserida nesse novo contexto de desconcentração industrial, pois a proposta é analisar as atividades econômicas desenvolvidas nas cidades médias do interior do Estado de São Paulo, sobretudo daquelas localizadas no Oeste Paulista (Presidente Prudente, Araçatuba, São José do Rio Preto e Marília). Até 1960 as principais atividades econômicas desenvolvidas nessas cidades eram ligadas principalmente ao setor agrícola e comercial. As atividades produtivas eram compostas por pequenas unidades que atendiam o mercado consumidor local e regional.

Atualmente, verificamos que as cidades médias do Oeste Paulista em relação às demais do Estado de São Paulo, sobretudo das localizadas próximas à metrópole, não possui uma atividade industrial tão intensa, porém, concentra alguns ramos que são importantes e que contribuem para que novas dinâmicas sejam perceptíveis na rede urbana regional. Entre os ramos industriais, destacam-se os de calçados infantis e alimentos. O primeiro, desenvolvido na cidade de Birigui², Região Administrativa³ de Araçatuba e o segundo, desenvolvido na cidade de Marília, Sede da 11^a. Região Administrativa do Estado de São Paulo.

Apresentaremos neste texto algumas discussões preliminares sobre a indústria alimentícia das cidades do Oeste Paulista e, sobretudo da cidade de Marília. Essa cidade, de acordo com os dados do RAIS/MTE⁴, possui uma aglomeração de unidades produtivas industriais do ramo em apreço, e por isso é considerada pelo Governo Estado de São Paulo como um *cluster* alimentício e também recebeu o título de “Capital Nacional do Alimento”.

A instalação de unidades produtivas industriais em cidades médias do Estado de São Paulo não é um fenômeno recente. Nas décadas de 1950 e 1960 foram instaladas em Presidente Prudente e Marília, unidades industriais provenientes dos Estados Unidos, especializadas em processamento de grãos. Porém, na década de 1970 a maioria dessas indústrias, deslocou-se para outras regiões do território brasileiro, pois dependia diretamente da matéria-prima, que passou a ser cultivada principalmente na região Centro-Oeste do Brasil.

Hoje, verificamos que, (em especial) a cidade de Marília não possui apenas unidades industriais provenientes de capital local, mas também, instalaram-se nessa cidade indústrias de capital nacional e transnacional, proporcionando na escala intra-urbana e inter-regional novas dinâmicas territoriais e econômicas que precisam ser analisadas do ponto de vista geográfico. As novas unidades produtivas

¹Essa discussão faz parte da nossa pesquisa de Doutorado que se encontra em Andamento. Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito (Programa de Pós-Graduação em Geografia/UNESP/Presidente Prudente).

² Sobre as indústrias de calçados em Birigui, existe uma pesquisa de Mestrado, que está em andamento realizada por Elaine Cristina Cícero, orientada pelo Professor Doutor Eliseu Savério Sposito, que também faz parte do projeto temático “O novo mapa da Indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no Estado de São Paulo”.

³ O Estado de São Paulo encontra-se regionalizado em 15 Regiões Administrativas.

⁴ RAIS – Relação anual de Informações Sociais. MTE - Ministério do Trabalho e do Emprego. Fonte: www.mte.gov.br. Acesso: Setembro/2008.

industriais não se assemelham com as instaladas anteriormente, pois essas indústrias estão inseridas na nova fase de mudanças (estrutural e conjuntural) que passa o modo capitalista de produção e conseqüentemente a economia brasileira.

Para entender a trajetória das mudanças do ponto de vista das atividades industriais desenvolvidas em cidades médias, o texto encontra-se estruturado em duas partes. Na primeira parte, apresentamos reflexões preliminares que perpassam pela possibilidade de ter a cidade média como escala de análise do circuito espacial da produção do ramo de alimentos. Na segunda parte do texto, apresentamos alguns dados referentes à dinâmica econômica das cidades médias do Oeste Paulista. Por fim, focamos a discussão para a atividade industrial do ramo alimentício desenvolvido na cidade e Marília.

1. A CIDADE MÉDIA COMO ESCALA DE ANÁLISE DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DO RAMO ALIMENTÍCIO.

A escala por muito tempo foi utilizada apenas como instrumento para calcular as distâncias entre os lugares. Além disso, entre os geógrafos que insistiram em fazer a leitura do espaço somente do ponto de vista das dinâmicas da natureza, ela foi utilizada para identificar as chamadas eras climáticas e geológicas. Porém, nos estudos geográficos que considera o espaço produzido por meio de relações e processos que se configuram ao longo do tempo, a escala possui outras significações.

Sposito (2004) afirma que há um desafio apontado para aqueles que procuram abordar os *“processos, dinâmicas e fenômenos de caráter geográfico, a partir da consideração do tempo e do espaço, de suas múltiplas articulações e da apreensão das escalas geográficas, que se configuram por meio dessas articulações”* (p.144).

A escala para nós contém a dimensão do tempo e do espaço, assim, é de inteira responsabilidade do pesquisador, de acordo com os seus objetivos defini-la temporal e espacialmente para fazer a leitura do seu objeto de estudo. Além disso, a atual configuração de redes técnicas possibilita que a leitura das dinâmicas territoriais, seja feita levando em consideração todas as escalas e não somente a local e global, como até então, eram elaborados os estudos.

Hoje, considerando que a configuração do espaço e do território é fruto de diversos processos e relações estabelecidas por inúmeros agentes, julgamos de extrema importância considerar as articulações espaço-temporais existentes também entre as escalas intermediárias. Mas é possível afirmar que as relações inter e multiescalares ocorrem de maneira homogênea entre as cidades da rede urbana? Qual a condição básica para as cidades se articularem?

A articulação entre as cidades não ocorre de maneira homogênea, o que define os fluxos de mercadorias, pessoas e informações, são as atividades econômicas desenvolvidas por elas na rede urbana. As grandes cidades, sobretudo as metrópoles, por desenvolverem diversos papéis do ponto de vista econômico, social, político e cultural, sempre tiveram maior articulação na rede urbana nacional. Atualmente, verifica-se que as metrópoles brasileiras, ainda centralizam papéis importantes na divisão territorial do trabalho, porém, temos novas realidades que precisam ser analisadas no âmbito da ciência geográfica, entre elas, o desenvolvimento de novas funções urbanas nas cidades médias brasileiras.

As cidades médias, num esquema de rede urbana hierárquica⁵, eram consideradas somente como pontos de intermediação entre as cidades pequenas e as grandes⁶, porém, essa explicação já

⁵ SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Edusp, 2008. 6ª. Edição, (p. 61).

⁶ SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Edusp, 2005. 5ª. Edição.

não é mais suficiente para entender o papel por elas desempenhado no início do século XXI. Então, quais as razões que envolvem o estudo das cidades médias? Quais os fenômenos, os processos, as relações e os contextos que precisam ser considerados para se fazer a leitura dessas cidades? Quais os papéis desempenhados por elas na divisão técnica e social do trabalho? Qual a relevância de fazer um estudo da atividade industrial em cidades desse porte? São muitas as questões existentes, e por isso a reflexão se justifica.

De acordo com Silveira (2002, p. 11), os estudos sobre as cidades médias atualmente é de fundamental importância para entender a dinâmica do território, para tanto, “*é necessário considerar o papel das empresas, do Estado e da sociedade na construção de uma nova divisão territorial do trabalho e, ao mesmo tempo, o papel que o território e a cidade exercem sobre as novas formas de trabalho*”.

Desde a década de 1970, verificamos que a cidade média vem sendo foco de discussões, tantos dos órgãos oficiais de planejamento⁷, como dos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. O estudo dessas cidades no período da globalização ou da Terceira Revolução Industrial deve considerar o papel desempenhado na divisão territorial e social do trabalho, bem como, as relações e os processos que se dão entre os agentes no âmbito das redes técnicas materiais e imateriais. Um primeiro passo, portanto, seria identificar a natureza das atividades econômicas realizadas por essas cidades e verificar se as mesmas têm passado por recentes mudanças. Sobre esse assunto, Sposito et. all. (2007) afirmam que,

[...] os papéis urbanos de várias cidades médias alteraram-se ou ampliaram-se, sobretudo no tocante à localização da atividade industrial. Não é necessário destacar as novas escolhas feitas por grupos transnacionais que vieram atuar no país desde os anos de 1980, mais diversificadas do que aquelas observadas na etapa anterior (final da década de 1950 e década de 1960), quando a maior parte das opções locacionais das empresas multinacionais recaiu sobre as metrópoles (p. 43).

De acordo com Sposito e & Firkowski (2008)⁸, a Geografia Industrial produzida após a década de 1970, além de fazer a leitura da atividade industrial no espaço da empresa, preocupou-se também com o papel desempenhado por elas, na (re) configuração de cidades e da própria rede urbana. Para tanto, considerou os agentes envolvidos nessa atividade, são eles: “*o Estado, a Coletividade e as Empresas*”. Identificamos assim, um fio condutor da nossa discussão, que é entender o papel que as cidades médias desempenham na divisão técnica e social do trabalho, por intermédio das atividades industriais, sobretudo daquelas ligadas ao ramo alimentício.

Sabemos que as mudanças nas cidades médias ocorrem em outros setores da atividade econômica, e também nas atividades cotidianas realizadas pelos cidadãos que nela convivem. Para nós, essas mudanças fazem parte de um contexto único, mas no momento precisamos fazer um recorte espacial, temporal e temático, para posteriormente realizar a síntese geográfica e entender a cidade média numa perspectiva da totalidade.

Essa preocupação surgiu com base no levantamento de dados referente à concentração de estabelecimentos industriais e empregos formais ocupados no território brasileiro, sobretudo no Estado de São Paulo nos anos de 1985, 1995 até o ano de 2007. Verificamos que, a fragmentação de unidades produtivas industriais do ramo de alimentos tem se dado para outras escalas, além da metrópole. De acordo com Sposito et. all. (2007),

⁷Sobre o assunto verificar nota 36 deste relatório.

⁸ Trata-se do Livro: *Indústria, ordenamento do território e transportes. A contribuição de André Fischer*. São Paulo, Expressão Popular, 2008 (Série Geografia em Movimento).

A passagem de uma economia do tipo fordista para sistemas de produção caracterizados como flexíveis trouxe alterações para a economia brasileira e mudou, simultaneamente, a participação do país na divisão internacional do trabalho e a divisão regional do trabalho, em termos técnico-econômicos e territoriais (p. 39).

As indústrias de alimentos instaladas no Estado de São Paulo, além de se concentrarem na metrópole e na região metropolitana, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, tem se deslocado para cidades médias, tanto próximas às metrópoles como também mais distantes. Diante dessa realidade, “[...] podemos concluir que as relações, com base nas quais se considera a situação geográfica de uma cidade estão na atualidade, medidas por duas escalas – a da distância espacial e a da conectividade que as redes de transmissão de informações possibilitam – expressando a indubitável indissociação entre espaço e tempo”. (SPOSITO, 2001, p. 630).

Na paisagem das cidades médias do interior paulista, sobretudo daquelas localizadas no Oeste do Estado, estão explícitas as novas atividades econômicas em desenvolvimento, tanto comerciais, de serviços e também produtivas. Em relação às atividades produtivas, a cidade de Marília, é um exemplo a ser citado, pois simboliza um território onde atuam diversos agentes, tanto a partir das *verticalidades* como também das *horizontalidades*.

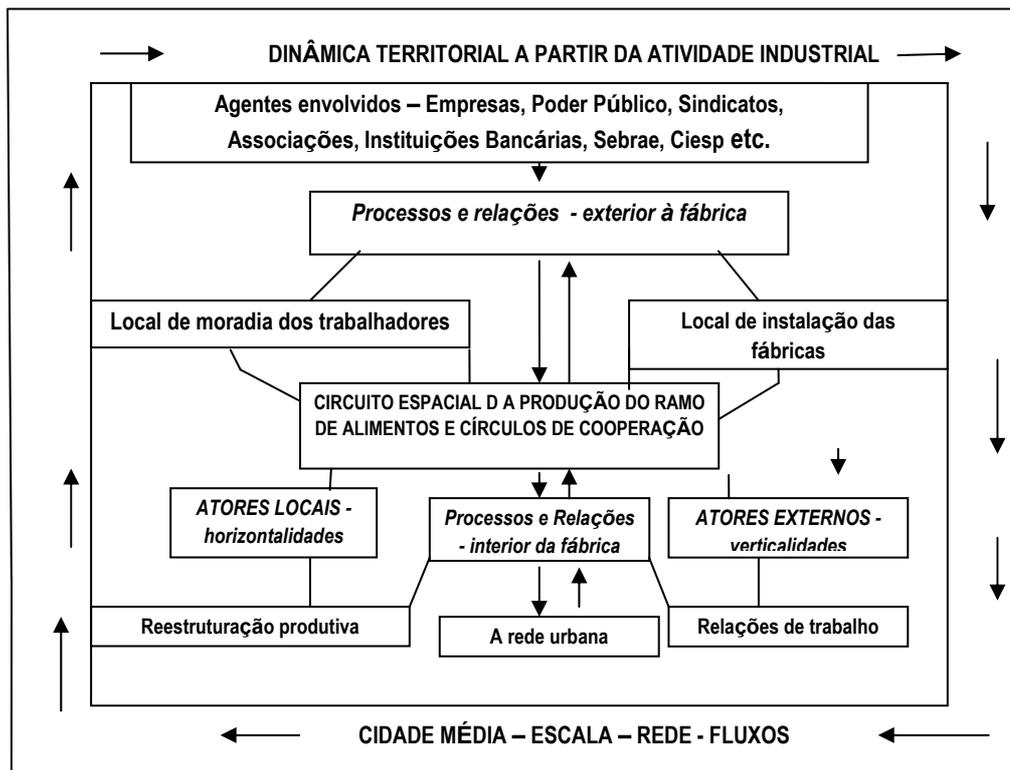
As mudanças em relação às atividades produtivas, existentes nessa cidade, podem ser constatadas a partir da década de 1980 e, sobretudo em 1990 até os dias atuais, pois além de concentrar importantes indústrias originárias de capital local, ela tem atraído também aquelas provenientes de capitais nacionais e transnacionais⁹.

Por intermédio dessas indústrias que chegaram e das indústrias já existentes, a cidade de Marília estabelece relações com inúmeros lugares e agentes envolvidos na atividade industrial alimentícia. Essas relações são configuradas por meio de redes técnicas materiais e imateriais que articulam os territórios da produção da circulação e consumo. Precisamos, de acordo com Silveira (2002), identificar os agentes e as escalas envolvidas na atividade industrial, para entendermos as dinâmicas territoriais, provenientes das atividades econômicas realizadas nas cidades médias.

Diante dessa perspectiva, elaboramos um quadro síntese que revela até certo ponto, os caminhos que estamos trilhando para analisar a indústria de alimentos localizadas nas cidades médias do Oeste Paulista, sobretudo, das que estão instaladas na cidade de Marília. Vejamos:

⁹ De acordo com Martinelli Júnior (1999), no período da globalização, dado o padrão internacional de concorrência de mercado, a grande empresa tem mais condições para se deslocar, a fim de ampliar os seus lucros. Também, para este autor, a grande empresa, possui três dimensões analíticas que são comuns a uma estrutura de oligopólio. São elas: “a dimensão do poder econômico, associado ao potencial e aos recursos econômicos e financeiros próprios da grande empresa; a dimensão da organização administrativa e funcional da grande empresa, que permite associar o *locus* de geração e acumulação de capital às diversas unidades produtivas (divisões, unidades produtivas, filiais etc) que constituem esse tipo de empresa; e a dimensão da internacionalização produtiva, característica histórica e, em geral, intrínseca à expansão da grande empresa (p. 179). Para nós, a grande empresa é o símbolo do capital que atua na normatização dos lugares. Os seus dirigentes, na maioria das vezes, não consideram as relações de horizontalidades que existem nos territórios onde se instalam, pois o seu principal objetivo é a obtenção de lucros a fim de continuar a competição no mercado global.

QUADRO 1: PROPOSTA DE ANÁLISE DA ATIVIDADE INDUSTRIAL DESENVOLVIDA EM CIDADES MÉDIAS.



A sistematização preliminar da dinâmica territorial proporcionada pela atividade industrial em cidades médias foi possível a partir das leituras de Santos (1985, 1988, 1994 e 2001), Rafesttin (1993), Dematteis & Governa (2005), Saquet (2007), Sposito (2006, 2007), Beltrão Sposito (2007). **Org.:** Bomtempo, Denise Cristina. Jan./2008.

A expectativa em relação ao estudo do ramo alimentício desenvolvido nas cidades médias, perpassa por quatro tópicos, presentes no Quadro 1, a saber: **a)** reestruturação produtiva do ramo alimentício; **b)** Os processos e relações de inter e multiescalaridades entre os agentes e os territórios envolvidos na atividade industrial do ramo alimentício em cidades médias. **c)** A mobilidade da mercadoria no período da globalização: os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação¹⁰ do ramo alimentício; **d)** Faces da mobilidade da força de trabalho empregada no ramo alimentício em cidades médias.

Em relação às indústrias de alimentos Martinelli Júnior (1999), afirma que elas podem ser divididas em dois grandes grupos, a saber:

- a) Empresas processadoras primárias de cereais, oleaginosas e insumos semi-preparados (por exemplo, os derivados de cacau, de tomate, suco de laranja concentrado etc) a flexibilidade na escolha da localização geográfica das plantas processadoras é restringida pela proximidade das matérias-primas, dado que os determinantes fundamentais da viabilidade econômica da atividade são a escala produtiva e os custos de transportes.
- b) Empresas de alimentos de consumo final, de outro modo, são *menos dependentes dos fatores locacionais das matérias-primas e insumos*, sendo mais flexíveis quanto ao deslocamento geográfico das suas plantas produtivas. O fator relevante torna-se a proximidade com os mercados consumidores e o atendimento eficiente das suas necessidades, particularidades de gostos, hábitos e modas (inclusive culturais). Destaca-se, nesse aspecto, a implementação de

¹⁰. SANTOS, Milton. Circuitos espaciais da Produção: um comentário. In: SOUZA, Maria Adélia A. de (Org.). *A construção do Espaço*. São Paulo: Nobel, 1986.

estratégias comerciais logística no abastecimento, tais como redes de distribuição e de marketing locais. A internacionalização e/ou distribuição geoestratégica das plantas produtivas estão mais atreladas, portanto, às características econômicas e culturais, ao grau de difusão do padrão de consumo urbano – acoplado à taxa de difusão dos equipamentos da “cozinha mecanizada” e à magnitude dos estratos de renda per capita dos mercados considerados, compatíveis com a implementação de estratégias de inovação e diferenciação de produtos (p. 131, 133 e 134 - grifos nossos).

Com base na classificação proposta por Martinelli Júnior (1999), verificamos que nas cidades médias do Oeste Paulista, há uma maior concentração de empresas de alimentos de consumo final, por isso focaremos nossa análise para este grupo, a partir do processo de desconcentração industrial que teve início em meados da década de 1970.

A desconcentração de unidades industriais pelo território brasileiro, só foi possível a partir da intervenção direta do poder público (Federal, Estaduais e Municipais), que elaborou leis e decretos de incentivo à instalação de unidades produtivas fora da escala metropolitana. Além disso, a configuração de redes técnicas, que podem ser materiais – redes de transportes, (rodoviário, ferroviário, aeroviário), como imateriais – redes bancárias, de comunicação e informação, contribuiu para a articulação dos lugares da produção, gestão, distribuição e consumo, formando com isso diferentes *circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação*, que estão fragmentados e articulados no território.

A discussão acerca dos circuitos espaciais da produção e dos círculos de cooperação foi proposta por Santos (1986)¹¹. Para esse autor,

[...] os circuitos espaciais nos dão a situação relativa dos lugares, isto é, a definição, num dado momento, da respectiva fração de espaço em função da divisão do trabalho sobre o espaço total de um país. Aí se conjugam as relações de produção social, que os circuitos de ramos tipificam, as relações sociais de produção, dadas pelas firmas, mas também as relações de produção do passado, mantidas ou rejuvenescidas pelas relações atuais e representadas por relíquias ou heranças, tanto na paisagem quanto na própria estruturação social (p. 130).

Em outros trabalhos, Milton Santos ratifica que através dos circuitos espaciais da produção e dos círculos de cooperação, conseguimos entender a dinâmica e o movimento do território e das cidades na rede urbana, pois eles integram vários lugares que muitas vezes não são contínuos do ponto de vista da localização geográfica, mas que a partir das relações estabelecidas formam uma unidade.

Ainda, Santos (2008) afirma que, “*hoje uma cidade pode não manter intercâmbio importante com sua vizinha imediata e, no entanto, manter relações intensas com outras muito distantes, mesmo fora do país*” (p. 55)¹². Essas articulações são passíveis de realização, devido o desenvolvimento das técnicas e tecnologias ligadas à comunicação e informação, que permitem uma fragmentação e

¹¹ Além de Milton Santos, outros pesquisadores também trabalharam com os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação, são eles: a) ELIAS, Denise. *Globalização e Agricultura: a região de Ribeirão Preto – SP*. São Paulo: Edusp, 2003; b) ARROYO, María Mônica. *Território Nacional e mercado externo: uma leitura do Brasil na virada do século XXI*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da FFLCH/USP. São Paulo: FFLCH, 2001. c) GRIMM, Flávia Christina Andrade. *Uso do território e coexistências de empresas de refrigerantes no Brasil*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da FFLCH/USP. São Paulo: FFLCH, 2002.

¹² A primeira impressão data de 1988.

articulação entre os territórios envolvidos em várias parcelas da produção, da circulação e do consumo de diversos circuitos produtivos. De acordo com Santos (2008b)¹³,

Como a localização das diversas etapas do processo produtivo (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) pode, doravante, ser dissociada e autônoma, aumentam as necessidades de complementação entre os lugares, gerando circuitos produtivos e fluxos, cuja natureza, direção, intensidade e força variam segundo os produtos, segundo as formas produtivas, segundo a organização do espaço preexistentes e os impulsos políticos (p. 121).

Uma abordagem da atividade industrial desenvolvida nas cidades médias, pautada no entendimento da configuração dos circuitos produtivos e dos círculos de cooperação, possibilita colocar o espaço, o território e a região como atuantes e não apenas como palcos das atividades econômicas. Acreditamos que o espaço, o território e a região, são e possuem agentes que contribuem na sua produção e organização. Por isso, adotaremos esta perspectiva de análise no nosso trabalho em detrimento do conceito de cadeia produtiva¹⁴, muito utilizado por autores da ciência econômica, pois esses, na maioria das vezes não consideram as dimensões espaciais nas suas análises, que são feitas com base nos mercados.

Atrelada à importância de entender a configuração dos circuitos espaciais da produção e dos círculos de cooperação, faz-se necessário, averiguar o papel dos agentes que atuam na sua organização. Entre eles, destacam-se os que agem por meio das *verticalidades*, na maioria das vezes representantes das empresas e de instituições formalizadas pelo capital, que tem como perspectiva a homogeneização dos territórios pela via da padronização e da normatização da produção, da distribuição e do consumo, tanto de mercadorias como do próprio lugar. E aqueles que vivenciam as relações e os processos na perspectiva das *horizontalidades*, que se dão no plano do vivido, no espaço da vida – da casa, do bairro, da cidade, da região.

No próximo tópico, apresentaremos alguns resultados preliminares acerca da atividade industrial e da configuração do circuito espacial da produção do ramo alimentício, desenvolvido nas cidades médias do Oeste Paulista, sobretudo na cidade de Marília.

1.1. Características gerais da atividade industrial no Oeste Paulista.

Nesse tópico, procuramos destacar alguns dados gerais relacionados ao total de população, ao perfil econômico e à participação dos vínculos empregatícios nas Regiões Administrativas do Oeste Paulista, com ênfase para as cidades médias dessa região.

Em relação à população (Tabela 1), verificamos que, no Estado de São Paulo no ano de 2008, a população total era de 41.139.672. A cidade de São José do Rio Preto concentra apenas 1% da população total do Estado; seguida por Marília 0,54%; Presidente Prudente 0,49% e por fim Araçatuba 0,43%.

¹³ A primeira impressão data de 1994.

¹⁴ Citamos aqui, dois autores que discutiram sobre as indústrias de alimentos e que utilizaram o termo cadeia produtiva para fazer a leitura do objeto. São eles: **a)** MARTINELLI JÚNIOR, Orlando. *A globalização e a indústria alimentar: um estudo a partir das grandes empresas*. Marília – UNESP - Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999; **b)** RODRIGUES, Andréia Marize Rodrigues. *Cluster e Competitividade: um estudo da concentração de micro e pequenas empresas de alimentos no município de Marília/SP*. São Carlos: EESC/USP, 2003. Tese de Doutorado.

TABELA 1: POPULAÇÃO TOTAL DAS CIDADES MÉDIAS DO OESTE PAULISTA FRENTE AO ESTADO DE SÃO PAULO (2008).

ESP/CIDADES MÉDIAS	POPULAÇÃO TOTAL	%
ESTADO DE SÃO PAULO	41.139.672	100
S. J. DO RIO PRETO	412.828	1,00
MARÍLIA	224.487	0,54
P.PRUDENTE	205.461	0,49
ARAÇATUBA	180.885	0,43

FONTE: Perfil Municipal – Fundação SEADE – www.seade.gov.br. Acesso JAN/2009.
ORG: BOMTEMPO, Denise Cristina. JAN/2009.

O perfil econômico também é um indicador importante, já que nossa análise perpassa pelo entendimento das novas funções desempenhadas pela cidade média do ponto de vista das atividades econômicas desenvolvidas, sobretudo a industrial.

Os dados da Tabela 2 revelam que, em relação às exportações realizadas no Estado de São Paulo, verificamos que a cidade de Marília é a que mais contribui para essa atividade, representa 0,05%. Em relação à atividade industrial, o Estado de São Paulo no ano de 2006 foi responsável por 30,18% do valor adicionado¹⁵ dessa atividade. A cidade de Marília é apresenta maior participação 21,27%, seguida por Presidente Prudente 18,5%; Araçatuba 16,02% e por fim São José do Rio Preto 14,16%.

O Estado de São Paulo é responsável por 67,72% dos serviços desenvolvidos no território brasileiro. Entre as cidades médias do Oeste Paulista, a cidade de São José do Rio Preto é a que mais se destaca em relação ao valor adicionado dessa atividade frente ao Estado de São Paulo - 85,5%, seguida por Presidente Prudente 80,35%; Araçatuba 81,79% e, a cidade que apresentou menor índice em relação aos serviços, foi Marília 67,72%. Também, em relação ao PIB, a cidade de São José do Rio Preto é que possui os maiores índices e Marília os menores.

TABELA 2: PERFIL ECONÔMICO DAS CIDADES MÉDIAS DO OESTE PAULISTA (2006).

INDICADORES	ESTADO DE SP	MARÍLIA	ARAÇATUBA	P.PRUDENTE	S. J. R.P.
Part. nas Exp. do Estado em 2007%	100	0,058	0,02	0,42	0,56
Part. da Agrop. no Total do V.A. %	2,11	1,27	2,19	1,15	0,34
Part. na Ind. no Total do V.A. em %	30,18	21,27	16,02	18,5	14,16
Part. dos Serv. no Total do V.A. em %	67,72	77,46	81,79	80,35	85,5
PIB (em milhões de reais correntes)	802.551,69	2.460,83	2.156,75	2.796,17	5.732,01
PIB per capita (em reais correntes)	19.547,86	10.981,29	11.876,50	13.527,40	13.795,18
Participação no PIB do Estado (%)	100	0,3	0,26	0,3	0,71

FONTE: Perfil Municipal – Fundação Seade www.seade.gov.br – acesso Out./2008. **ORG.:** BOMTEMPO, Denise Cristina. JAN./2008.

¹⁵ De acordo com a Fundação Seade o Valor Adicionado “Mede a importância de determinada atividade dentro da estrutura econômica da localidade (soma do valor adicionado fiscal de determinada atividade na localidade dividida pela soma do valor adicionado fiscal no conjunto das atividades econômicas da localidade)”. **FONTE:** www.seade.gov.br - Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda. OUT./2008.

Além do valor adicionado, verificamos também a participação dos vínculos empregatícios por grandes setores do IBGE das cidades médias do Oeste Paulista (Tabela 3). Esses dados revelaram que em relação ao setor Agropecuário, o Estado de São Paulo é responsável por 3,30% dos vínculos empregatícios. Em relação às cidades médias do Oeste Paulista, Araçatuba ultrapassa a participação do Estado, pois, tem um índice de 4,48%; seguida por Marília 2,10%; Presidente Prudente 1,04% e por fim, São José do Rio Preto 0,99%.

Em relação à indústria, o Estado de São Paulo contribui com uma participação de 24,01% dos vínculos empregatícios e as cidades de Marília têm uma participação de 24,93% e Presidente Prudente 24,09% nos vínculos empregatícios. Estas cidades ultrapassam a participação total do Estado. Já a cidade de São José do Rio Preto contribui com 18,62%, seguida por Araçatuba 17,78% nos vínculos empregatícios do total do Estado.

O Estado de São Paulo é responsável por 3,90% dos vínculos empregatícios na construção civil e, a cidade de Marília se destaca nessa cidade, superando os índices do Estado, pois representa 5,59%, seguida pela cidade de São José do Rio Preto 4,11%, Presidente Prudente 3,82% e por fim Araçatuba 3,12%. Os vínculos empregatícios ligados ao Comércio representam 18,82% no total do Estado de São Paulo. Entre as cidades analisadas, a de maior destaque é São José do Rio Preto 30,06%; Araçatuba 23,49; Presidente Prudente 25,12% e por fim Marília 23,49%. Todas as cidades apresentam índices maiores que o do Estado de São Paulo.

Em relação aos serviços, o São Paulo é responsável por 49,96%, e, a cidade de São José do Rio Preto é a que mais se destaca em relação aos vínculos empregatícios desse setor 46,22%; Presidente Prudente 45,93%, Araçatuba 45,16% e por último Marília 43,88%.

TABELA 3: PARTICIPAÇÃO DOS VÍNCULOS EMPREGATÍCIOS POR GRANDES SETORES DO IBGE (2007).

GRANDES SETORES	ESTADO DE SÃO PAULO%	MARÍLIA%	ARAÇATUBA%	P.PRUDENTE%	S. J.DO RIO PRETO%
Agropecuária	3,30	2,10	4,48	1,04	0,99
Indústria	24,01	24,93	17,78	24,09	18,62
Construção Civil	3,90	5,59	3,12	3,82	4,11
Comércio	18,82	23,49	29,46	25,12	30,06
Serviços	49,96	43,88	45,16	45,93	46,22

FONTE: Perfil Municipal – Fundação Seade www.seade.gov.br – acesso Out./2008. **ORG.:** BOMTEMPO, Denise Cristina. JAN./2008.

Os dados apresentados nas Tabelas 1, 2 e 3 revelam algumas diferenças em relação ao perfil econômico das cidades médias do Oeste Paulista. Eles também confirmam, juntamente com os dados de concentração de estabelecimentos industriais e empregos ocupados, que a atividade industrial tem um significado expressivo na cidade de Marília, sobretudo a do ramo de alimentos, como pode ser constatado na Tabela 4.

Em relação ao total do Estado de São Paulo, as cidades médias do Oeste Paulista, concentram 5,31% dos estabelecimentos industriais do ramo de alimentos e 10,04% dos empregos ocupados. A cidade de Marília apresenta maior concentração, tanto de estabelecimentos como de empregos, como pode ser verificado na Tabela 4.

TABELA 4: ESTABELECEMENTOS INDUSTRIAIS E EMPREGOS OCUPADOS NO RAMO DE ALIMENTOS (FABRICAÇÃO DE OUTROS PRODUTOS¹⁶), DAS INDÚSTRIAS LOCALIZADAS NAS CIDADES MÉDIAS DO OESTE PAULISTA (2007).

Cidades Médias do Oeste Paulista	Estabelecimentos	Empregos
Marília	61	6250
São José do Rio Preto	58	707
Presidente Prudente	16	1393
Araçatuba	28	505
Total das Cidades	163	8855
Total do Estado	3.067	88.164

FONTE: RAIS/MTE/2007. **ORG.:** Denise Cristina Bomtempo.

No próximo tópico, abordaremos alguns aspectos relevantes em relação à atividade industrial desenvolvida na cidade de Marília.

1.2. A cidade de Marília e a atividade industrial.

A cidade de Marília é a sede da 11ª Região Administrativa do Estado de São Paulo, que é formada por 51 municípios e “abriga” quatro regiões de governo (IBGE), Assis; Marília; Ourinhos e Tupã. Essa Região Administrativa ocupa uma área de 18.458 quilômetros quadrados, que corresponde a 7,4% do território paulista.

De acordo com os dados da Fundação Seade (2007), referente à economia das Regiões Administrativas, “*A fabricação de alimentos e bebidas é a atividade industrial que mais se destaca na RA de Marília, tanto no valor adicionado como na geração de emprego. Por esse motivo, o município de Marília, sede da região, recebeu o título de capital nacional do alimento*” (p. 4).

Em relação à distribuição das unidades produtivas industriais e dos empregos ocupados, verificamos que a cidade de Marília possui uma centralidade dessa atividade em se comparando com as demais cidades médias do Oeste Paulista (Tabela 4) e com as cidades pequenas localizadas na mesma Região Administrativa.

A instalação de indústrias de capital nacional e transnacional nas cidades médias revela as novas configurações espaciais, que temos no início do século XXI. Essas são frutos de processos que ocorrem na escala global, mas que se materializam nos lugares. Portanto, consideramos um desafio apreender os movimentos existentes na produção de espaços que são organizados tanto por agentes internos como também externos. Como exemplo, podemos mencionar as industriais transnacionais instaladas em cidades médias do Estado de São Paulo nas últimas décadas do século XX.

¹⁶ O GRUPO CNAE - FABRICAÇÃO DE OUTROS PRODUTOS ALIMENTÍCIOS compreende: Fabricação de produtos de padaria, confeitaria e pastelaria; fabricação de pães, bolos e equivalentes industrializados; fabricação de produtos de padaria, confeitaria e pastelaria; exclusive industrializados; fabricação de biscoitos e bolachas; produção de derivados do cacau e elaboração de chocolates; balas; gomas de mascar; produção de derivados do cacau e elaboração de chocolates; produção de balas e semelhantes e de frutas cristalizadas; fabricação de massas alimentícias; preparação de especiarias, molhos, temperos e condimentos; preparação de produtos dietéticos, alimentos para criança e outros alimentos conservados; fabricação de vinagres; fabricação de pós alimentícios; fabricação de fermentos, leveduras e coalhos; fabricação de gelo comum, beneficiamento de chá mate e outras ervas para infusão.

Assistimos com isso uma profunda reestruturação do espaço, resultante da reestruturação do processo produtivo, que ocorre tanto no interior da fábrica - com a adoção de um novo sistema de organização da produção e do trabalho, e também fora dela - a partir da seleção de novos lugares para desenvolver a produção e a gestão das atividades.

O desenvolvimento da atividade industrial nas cidades médias do Oeste Paulista¹⁷, sobretudo em Marília, é anterior ao processo de desconcentração industrial, iniciado na metrópole na década de 1970. De acordo com Mourão (2002), a origem da indústria em Marília está atrelada à atuação dos imigrantes italianos e japoneses que migraram para a região, na fase caracterizada por Monbeig (1984), como expansão da “*franja pioneira do estado*”.

A princípio, os imigrantes se dedicaram às atividades ligadas à agricultura, principalmente à produção do algodão e bicho-da-seda, posteriormente, dedicaram-se às atividades econômicas ligadas ao comércio e às pequenas unidades manufatureiras. Nas décadas de 1930 até 1950, foram instaladas na região, unidades agroindustriais de beneficiamento de algodão e óleo, pois o objetivo dos empresários era a proximidade com a matéria-prima, já que a região era grande produtora de algodão e amendoim¹⁸. Esse capital industrial permaneceu até a década de 1970, pois os gêneros agrícolas acima citados passaram a ser cultivados em outras regiões brasileiras, entre elas a Centro-Oeste. Diante disso, as empresas também se deslocaram, pois dependiam diretamente da matéria-prima para realizar as suas atividades.

Com a saída das empresas processadoras, as atividades econômicas a princípio ficaram prejudicadas. Porém, outros ramos industriais, que ainda tinham uma atuação modesta, passaram a ser primordiais para o desenvolvimento econômico da região, entre eles destacam-se os ramos de alimentos e metal-mecânico, localizados principalmente na cidade de Marília. O início da atividade industrial no Oeste Paulista, sobretudo nessa cidade, foi marcado pela atuação de micro e pequenas empresas, que adotava mão-de-obra familiar, desde a produção até a distribuição dos produtos, que ocorria na escala local e regional.

Mas em fins da década de 1970, fruto das mudanças estruturais do modo capitalista de produção e da atuação dos agentes globais e nacionais ligados à atividade industrial, tivemos no Estado de São Paulo, o processo de desconcentração industrial, que culminou em mudanças nos padrões de localização industrial.

De acordo com Lencioni (2006), esse processo teve um viés político muito forte, pois

Enquanto o governo federal sob o discurso da descentralização industrial procurou dirigir a indústria para o Nordeste, o estadual procurou incentivar o deslocamento industrial para o interior do estado. [...] Em nível do governo local, muitos municípios interioranos passaram a oferecer uma série de incentivos visando atrair indústrias. Um grande número de prefeituras elaborou diretrizes para atrair estabelecimentos industriais para seus municípios (p. 201).

Entre as diretrizes, destacam-se a isenção de impostos e taxas municipais, ressarcimento dos gastos com terrenos, infra-estruturas etc. Além disso, a oferta de mão-de-obra barata, também foi explorada pelos agentes locais a fim de atrair indústrias para os municípios do Oeste Paulista.

Porém, num primeiro momento, a distância de 443 quilômetros da metrópole paulista, não contribuiu para atração de unidades produtivas industriais. A princípio, este fato pareceu negativo,

¹⁷ Uma contribuição importante sobre o assunto foi dada por GOMES, Maria Terezinha Serafim. *O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do Oeste Paulista: Araçatuba, Birigui, Marília Presidente Prudente e São José do Rio Preto*. São Paulo: FFLCH. Tese de Doutorado em Geografia Humana, 2007.

¹⁸ Estas indústrias, de acordo com Martinelli Júnior (1999), podem ser inseridas no grupo das “*empresas processadoras primárias*” (p. 131).

mas posteriormente, as indústrias de capital local, sobretudo as do ramo alimentício¹⁹, localizadas nas cidades de Marília, estruturaram-se e adquiriram dinamismo e com isso ampliaram o mercado de distribuição dos produtos.

Grande parte das indústrias do Oeste Paulista, acatou as imposições do sistema capitalista de produção global, ou seja, adequaram-se às exigências do mercado, e passaram, por processos de reestruturação, que perpassa pela diminuição dos custos, inovação dos produtos, qualificação da mão-de-obra, diminuição do tempo da produção e distribuição, melhoria na qualidade, com vistas a alcançar maior produtividade. Com isso, passaram a competir no mercado nacional e global²⁰.

No final da década de 1980, além das indústrias de capital local, entraram em funcionamento nas cidades médias do Oeste Paulista, as transnacionais, ligadas ao ramo alimentício, como por exemplo, a Nestlé, que foi instalada na cidade de Marília²¹ e Araçatuba. De acordo com dados da Secretaria da Indústria e Comércio de Marília (Maio de 2008), existem na cidade outros ramos, além do alimentício, que tem uma contribuição significativa no desenvolvimento da atividade industrial na cidade e na região, são eles, Bebidas, Plásticos e Embalagens, Artigos de Vestuário, Metal-Mecânica e Alimentício.

Em relação ao ramo de Alimentos verificamos que, esse é o primeiro que se destaca em relação ao número de estabelecimentos industriais e empregos formais ocupados. Existem na cidade cinquenta e sete estabelecimentos industriais instalados, sendo vinte e oito micro-empresas, dezessete pequenas empresas, sete médias empresas e cinco grandes empresas. Em relação aos empregos, verifica-se que esse ramo possui um total de 5.605 (cinco mil, seiscentos e cinco) empregos diretos ocupados e, contribui com uma massa salarial de R\$ 5.667.085,00 (cinco milhões, seiscentos e sessenta e sete mil e oitenta e cinco reais) e conta com um salário médio de R\$ 1.011,00 (um mil e onze reais)²².

As indústrias de alimentos instaladas na cidade de Marília podem ser classificadas em dois grandes grupos: **a) originárias do capital local**, são aquelas provenientes de um excedente acumulado nas atividades primárias desenvolvidas pelos imigrantes italianos e japoneses. Elas se diferenciam em micro e pequenas empresas que atuam numa escala local e regional e grandes empresas que adotaram dimensões da reestruturação produtiva da década de 1970 e 1980, e saíram de uma escala de distribuição local e regional, para escalas mais amplas – nacional e global. Entre elas podemos citar Marilan Alimentos, Dori Alimentos, Bel Alimentos etc.

No Quadro 2, podemos verificar as articulações estabelecidas entre a cidade de Marília, com as distribuidoras, no mercado nacional e global.

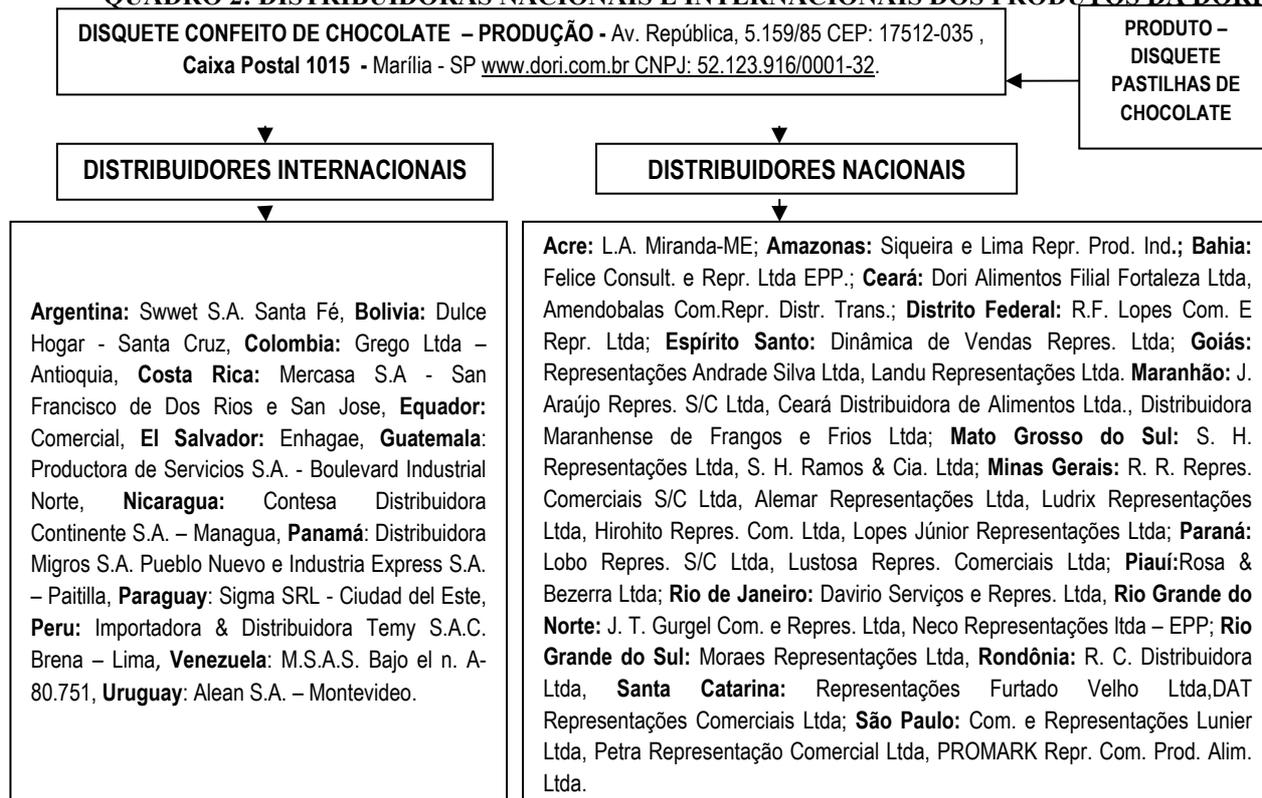
¹⁹ “Empresas de alimentos de “consumo final” (MARTINELLI JÚNIOR, 1999, p. 133).

²⁰ Idem 54.

²¹ MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. Reestruturação *Produtiva da indústria e desenvolvimento regional: a região de Marília*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP. SP, 2002.

²² Dados cedidos pelo Secretário Municipal da Indústria e Comércio de Marília, Sr. José dos Santos Reis, durante o Trabalho de Campo realizado, em Maio de 2008.

QUADRO 2: DISTRIBUIDORAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS DOS PRODUTOS DA DORI



FONTE: site da Empresa (www.dori.com.br .Acesso: 12/11/2008) e Rótulo dos Produtos Dori. **ORG.:** BOMTEMPO, Denise Cristina. Nov./2008.

As empresas de alimentos originárias de capital local, para continuar a competir no mercado capitalista, passaram por intensos processos de reestruturação produtiva²³, que abrange mudanças no processo de produção – através da gestão e utilização de novas tecnologias; na separação das unidades de produção e de gestão; na contratação da força de trabalho; na geração de novos produtos; no investimento em setores de propaganda e *marketing*; e ainda; no cumprimento de normatizações estabelecidas pelos órgãos de fiscalização dos produtos alimentícios.

A partir do cumprimento das normatizações, e da constituição de redes técnicas materiais e imateriais que articulam os lugares da produção, circulação e consumo, essas empresas passaram a competir no mercado além da escala regional. Além disso, o cumprimento das normas e dos padrões exigidos pelos órgãos de fiscalização do ramo alimentício possibilitou que as grandes e médias empresas distribuíssem os seus produtos nas grandes redes de supermercados e hipermercados, como por exemplo, Pão-de-Açúcar e Carrefour. Porém, essa inserção não ocorre com as micro e pequenas empresa, pois elas não têm condições de adotar os padrões exigidos pelos órgãos de fiscalização, assim, a escala de distribuição dos seus produtos, tende a ser apenas local e regional, e na maioria das vezes em locais mais atrelados ao circuito inferior da economia urbana. Por sua vez, a média e grande empresa insere os seus produtos tanto nas grandes redes de supermercados e hipermercados, ligadas ao circuito superior da economia urbana como também nos pequenos estabelecimentos comerciais, atrelados ao circuito inferior.

²³ ANTUNES, Ricardo. Trabalho, reestruturação produtiva e os desafios do sindicalismo e dos movimentos sociais no Brasil. In: FERNANDES, Edesio e VALENÇA, Márcio Moraes. *Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004a.

Reiteramos assim, a importância de utilizar o circuito espacial da produção e os círculos de cooperação como uma importante metodologia para entender as relações que são estabelecidas pelas cidades na rede urbana em que está inserida e com as quais mantém relações do ponto de vista do mercado e da força-de-trabalho. Assim, a análise da configuração do circuito espacial da produção e dos círculos de cooperação do ramo alimentício, permitirá o reconhecimento dos lugares que são articulados pelas atividades produtivas na cidade de Marília. E, o mapeamento do local de moradia dos trabalhadores, possibilitará o entendimento de relações que se dão em outras escalas, que a priori não são as mesmas do mercado.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje as configurações do espaço e do território são frutos de diversos processos e relações estabelecidas por inúmeros agentes, por isso julgamos ser de extrema importância considerar as articulações espaço-temporais existentes entre as múltiplas escalas, a saber – local, regional, nacional e global. Com o desenvolvimento dos transportes, da comunicação e da informação, todos os lugares passaram a se relacionar, porém de maneira diferenciada. O que define os fluxos e as articulações são as atividades econômicas desenvolvidas num determinado território, região ou lugar ao longo do processo histórico.

O texto que apresentamos faz parte de um trabalho se encontra em andamento, portanto, as reflexões apresentadas são preliminares. Com a finalização, acreditamos que esse trabalho contribuirá no sentido de demonstrar se, do ponto de vista do mercado, da produção de mercadorias e do fluxo de trabalhadores²⁴ a cidade média possui relações de inter e multiescalaridades. Além disso, objetivamos também demonstrar que é preciso aprofundar a análise das cidades médias brasileiras, sobretudo daquelas que desempenham atividades ligadas ao setor produtivo, pois além de “*lugares do fazer*”, essas cidades podem também ser lugares de tomadas decisões²⁵.

Diante do que foi discutido até o momento, acreditamos que análise das dinâmicas econômicas, proporcionadas pelas novas territorialidades da indústria de alimentos instaladas em cidades médias no início do século XXI, contribuirá para o entendimento do território brasileiro como uma unidade.

3. BIBLIOGRAFIA CITADA²⁶

AYDALOT, Philippe. *Dynamique Spatiale et développement inégal*. Paris: E. Econômica, 1980.
CÍCERO, Elaine Cristina. *Uma análise da indústria de calçados de Birigui no contexto da flexibilização produtiva*. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2007 (Monografia de Bacharelado em Geografia).

DEMATTEIS, Giuseppe e GOVERNA, Francesca. *Territorialità, Sviluppo Locale, Sostentabilità: Il modello Slot*. Milão: Ed. Franco Angeli, 2005.

Documentos: *Planilha de dados referente aos Ramos Industriais da Cidade de Marília*. Marília: Secretaria Municipal da Indústria e Comércio de Marília. Trabalho de Campo - Maio de 2008.

²⁴ Queremos aqui destacar que “*La mobilité des activités e la mobilité du travail*” (p. 137 a 208), são duas dimensões fundamentais que Aydalot (1980) destacou como essenciais para entender a dinâmica dos territórios.

²⁵ Aprofundaremos melhor esta discussão nas futuras etapas da pesquisa, mas, a priori está hipótese foi levantada pois, a cidade de Marília é Sede de Grandes Empresas do ramo de alimentos. Este fato nos permite pensar que a gestão não se encontra somente nas metrópoles, podemos encontrá-la também na escala da cidade média. Cabe neste momento, saber em quais dimensões este processo ocorre.

²⁶ As referências que estão citadas ao longo do texto em notas de rodapé, não foram listadas nesse tópico.

LENCIONI, Sandra. Reestruturação Urbano-Industrial no Estado de São Paulo: a região na metrópole desconcentrada. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 2006. Quinta Edição.

MONBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. SP: Hucitec, 1998.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1985 (Primeira Edição).

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura da. *Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções sobre território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SILVEIRA, M. L. Globalização, trabalho, Cidades Médias. In: *GeoUERJ – Revista do Departamento de Geografia*. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento de Geografia, 2002.

SPOSITO, Eliseu S. Fluxos e localização industrial. In: MELO, Jayro Gonçalves (Org.). *Região, cidade e poder*. Presidente Prudente: GASPERR, 1996.

_____. Território, logística e mundialização. In: SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). *Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades*. Presidente Prudente: GASPERR/UNESP, 1999, p. 99-113.

_____. Dinâmica Econômica, fluxos e eixos de desenvolvimento. Avaliação da construção de uma temática. In: SPOSITO, Eliseu Savério (org.). *Produção do espaço e redefinições regionais*. Presidente Prudente: UNESP/FCT/GASPERR, 2005.

_____. Primeiro Relatório da FAPESP - Projeto Temático: O novo Mapa da Indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no Estado de São Paulo. Presidente Prudente, abril de 2007.

_____. Eixos de desenvolvimento em São Paulo. In: *Primeiro Relatório do Projeto Temático: O novo Mapa da Indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no Estado de São Paulo*. Presidente Prudente, abril de 2007. Financiamento: FAPESP.

_____. Cidades Médias e eixos de desenvolvimento no Estado de São Paulo: metodologia de abordagem. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (ett. All.). *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). *Urbanização e Cidades: perspectivas geográficas*. São Paulo: UNESP, FCT, 2001. P. 609 – 643.

_____. *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades*. 2004. 508 f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

_____. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo das cidades médias no mundo contemporâneo. In: *Revista Cidades*. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, vol.3, no. 5, p.143 – 157, 2006.

_____. Cidades Médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro; MAIA, Doralice Sátyro; GOMES, Edvânia Tôres Aguiar. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

